

## Capítulo 3. Variações em torno da metáfora paterna

### 1. A metáfora paterna

Percebeu-se, então, que um Édipo podia constituir-se muito bem, mesmo quando o pai não estava presente. Bem no começo, achava-se sempre que era algum excesso de presença paterna, ou excesso de pai, que engendrava todos os dramas. Foi a época em que a imagem do pai aterrorizante era considerada um elemento lesivo. Na neurose, logo se percebeu que isso era ainda mais grave quando ele era extremamente gentil (Lacan, 1962-63: 172-73).

Optamos por introduzir este ponto com a passagem acima, pois retomaremos os dois tempos do pai demarcados até agora, ou seja, o pai presente na realidade, e o pai como pivô da função paterna. O primeiro já mereceu destaque, sendo discutido no capítulo anterior. No entanto, para que este último pai exerça seu papel como função, sua presença necessariamente muda de estatuto. Ele passa de pai presente ao pai como presença.

Sua função é representar a interdição da mãe para o filho, e é sobretudo, no discurso da mãe que ele se materializa, ou seja, quando a falta entra no jogo e o filho constata que a mãe deseja outra coisa. Portanto é pela palavra da mãe que é feita a atribuição a este pai desencarnado, que tem o efeito de um significante por excelência – o Nome-do-Pai.

Partindo da definição que separa o pai como agente da castração do pai como função de interdição, podemos avançar e discutir a relação da castração como nome fundamental para a falta. Para que vigore a interdição, a palavra do pai deve independe de sua figura e funcionar como lei.

Segundo Lacan, a lei se articula com a proibição em termos simbólicos, ou seja, para que o sujeito possa se servir dela para além da palavra do pai imaginário ela deve adquirir o caráter universal ao internalizar e prescindir da figura externa de um interditor. Assim, entendemos que a lei possa continuar como tal, mesmo na ausência do pai. Portanto, o simbólico impõe uma proibição que lhe seja ao mesmo tempo intrínseca, e cujos efeitos sejam observados na instauração de uma impossibilidade, por exemplo, a de ser objeto complementar para a falta.

O pai sob esta roupagem simbólica e interditora é aquele que faz valer uma proibição. Sua função pode ser exercida através de intermináveis formas que podem até mesmo, em uma certa medida, independer de sua figura.

É neste sentido que Lacan se apropria da diferenciação entre o pai da normalidade e o pai normal (Lacan: 1962-63: 174). O primeiro é responsável pela metáfora paterna, que desenvolveremos logo a seguir, e o segundo é o pai que se casa com a mãe e, do qual podemos contar uma história.

De acordo com Lacan, o pai simbólico é impensável (1956: 15):

O pai simbólico não está em parte alguma. Ele não intervém em parte alguma. A prova disso se encontra na própria obra de Freud.[...] Ele [Jones, considerou a obra principal de Freud e a que lhe é mais cara] [...], *Totem e tabu*, que nada mais é que um mito moderno, um mito construído para explicar o que permanecia em hiância em sua doutrina, a saber: *Onde está o pai?* [...] *Totem e tabu* é feito para nos dizer que, para que os pais subsistam, é preciso que o verdadeiro pai [...], esteja antes do surgimento da história, e que seja o pai morto. [...] E tudo isso, com que fim? Para, afinal de contas, interditem a si mesmos o que se tratava de arrebatá-lo a ele (Lacan, 1956: 215).

Uma vez definido o pai simbólico, cujo papel é instaurar a lei com sua sustentação, investigaremos o que ocorre na metáfora paterna. O próprio conceito aponta que a lei opera a partir de uma metáfora (Lacan, 1962-63: 180) – uma substituição significante. Nela um significante é posto no lugar de outro significante, ou então, uma palavra é substituída por outra.

Porém, não se trata simplesmente de uma substituição conforme citamos, uma vez que a palavra substituída é “elidida” em sua conexão com os significantes da cadeia significante. Neste sentido, e conforme Regnault, “o principal significante a ser substituído é o falo, que representa algo que falta, de modo que, como diz Lacan para o imaginário do sujeito ‘a significação do falo...é evocada pela metáfora paterna’” (1995 84).

A metáfora paterna que resulta em:

$$\frac{\text{Pai}}{\text{Mãe}} \cdot \frac{\text{Mãe}}{\text{X}}$$

pode ser desmembrada em algumas etapas<sup>2</sup>:

<sup>1</sup> Lacan, 1962-63:180.

- 1)  $\frac{\text{Mãe}}{\text{Filho}}$
- 2)  $\frac{\text{Pai}}{\frac{\text{Mãe}}{\text{Filho}}}$
- 3)  $\frac{\text{Pai}}{\cancel{\text{Mãe}}} \cdot \frac{\cancel{\text{Mãe}}}{\text{Filho}}$
- 4)  $\frac{\text{Pai}}{\text{Filho}}$

Na primeira parte da operação (pai/mãe), a particularidade reside na superposição do pai ao desejo da mãe, ainda não nomeado pela criança. O pai intercede como agente separador entre criança e a mãe, uma vez que o desejo da mãe entra em jogo como desejo de outra coisa, “abandonando” assim, o filho como objeto total do desejo.

Portanto, o desejo da mãe se caracteriza justamente por algo que não tem representação, e que aparece de forma caótica. Por isso, a intervenção do pai inaugura uma primeira organização para o caos configurado por tal desejo.

Lembremos que *Hans* ocupava a posição de complementar à mãe em sua falta como falo imaginário. Chamamos esta relação de dual baseada em termos lineares. Na metáfora paterna, a relação em termos lineares é alterada, pois ocorre uma superposição de um significante, - uma nomeação -, para aquilo que aparece como impossível. Desta forma, o nome organiza o caos concernente ao desejo que remete sempre a um infinito.

Com a introdução do pai como um elemento responsável pela nomeação, a criança necessariamente reestrutura e reorganiza sua posição. A captura marcada pela dualidade lançava *Hans* ao perigo de ora ser e ora não ser aquilo que viria obturar a falta da mãe. Caso ela desejasse outra coisa, *Hans* deixava de ser seu

---

<sup>2</sup> O desenvolvimento destas etapas é fruto das elaborações e construções das orientações para a presente dissertação, e se deve, em boa parte a Vieira.

“complemento”, e não lhe restava nenhuma outra saída, senão aquela que lhe impunha deparar-se com a falta para dar-lhe um lugar.

Sendo assim, a falta precisa ser interpretada, ou de acordo com o nosso desenvolvimento, nomeada. O termo “nomeação” servirá como instrumento através do qual iremos relacionar a metáfora paterna com a escolha significante do cavalo por *Hans*. Veremos que o cavalo no lugar do pai irá nomear o desejo da mãe, criando algumas formas de organização. A fobia será, portanto, o resultado de uma primeira organização.

Mas é preciso chamar atenção para o fato de que não é possível afirmar que a nomeação do desejo da mãe é uma substituição significante, ou seja, uma metáfora, pois este (o desejo) não é ainda significante.

Veremos ser possível escrever o primeiro termo da metáfora paterna com algumas equivalências:

$$\frac{\text{Pai}}{\text{DM}} \sim \frac{\text{Cavalo}}{\text{Angústia/Real}} \sim \frac{\text{Cavalo}}{\text{DM}} \quad 3$$

Então a nomeação ocorre através de uma separação entre mãe e filho, fazendo com que possa emergir a pergunta “O que quer essa mulher aí?” (Lacan, 1962-63: 181), desenhando um intervalo na relação dual. Se não é ele, o filho, que ela quer exclusivamente, há algo mais que desperta seu desejo. Este algo a mais que Lacan denominou de para-além da mãe, é escrito como X na metáfora, o que deve ser significado. No entanto, este significado não se reduz a uma significação, introduzindo um elemento complicador. O X, segundo Lacan, corresponderá a um significante, no qual estará necessariamente incluída a falta. Tal significante é o falo, que segundo Lacan,

Só pode desempenhar seu papel enquanto velado, isto é, como signo, ele mesmo, da latência com que é cunhado tudo o que é significável. A partir do momento em que é alçado [*aufgehoben*] à função significante. O falo é o significante dessa própria *Aufhebung* [suspensão] que ele inaugura (inicia) por seu desaparecimento (1958 b: 699).

---

<sup>3</sup> DM: desejo da mãe.

Portanto, o significante que por excelência porte a falta, será o que Lacan denomina de falo, escrito sob a letra “-φ”, marcado pela inversão de uma positivação, esta que poderia lhe dar significação. Dele depreende-se que sob esta designação, escrita abaixo da barra, há algo que representa a impossibilidade da complementação da falta.

Como podemos constatar, a falta terá um lugar específico na estrutura. No caso *Hans* ela parece não estar em jogo (isto não quer dizer que não há falta para a mãe). Depois ela aparece como pivô da necessidade de reestruturação de *Hans* em sua configuração edípica.

Sendo assim, confirmamos que *Hans* jamais poderia ser o objeto complementar para a mãe, pois o objeto da falta se reduz a ser sempre parcial, constituindo uma impossibilidade de complementação. Este é o papel fundamental do pai da metáfora paterna, ou seja, demarcar este impedimento e inscrever uma delimitação.

O pai é, então, “aquele que priva a mãe do objeto do seu desejo, a saber, o objeto fálico [falo imaginário] [e] desempenha um papel absolutamente essencial [...]” (Lacan, 1962-63: 190).

Mas porque este papel do pai é considerado tão essencial para a análise do caso *Hans*? Observamos um excesso caracterizado pela dualidade e pela complementação na relação com a mãe que gerava muita angústia. *Hans* parecia se identificar com o objeto imaginário da mãe.

Para sair deste impasse era preciso encontrar saídas alternativas para a função paterna, uma vez que a proibição não provinha de seu pai. Como a interdição não depende exclusivamente da figura do pai, *Hans* pôde encontrar e criar suas próprias soluções.

## 2. Catacrese

A fobia pode ser considerada uma solução deficitária caso seja comparada às soluções sintomáticas clássicas (histerias e obsessões), nas quais a função paterna exerce seu papel de forma a não ser necessária nenhuma solução de reforço para a instauração da lei. Observa-se que, no caso da fobia, a lei não é

internalizada, localizando-se, então, no meio externo, a partir da escolha de um objeto que faça o papel da função de interdição.

Lacan definiu a fobia como uma plataforma giratória<sup>4</sup> (*plaque tournante*), ou encruzilhada, ou seja, uma solução provisória que antecede a escolha de uma neurose ou perversão.

O que eu queria apontar hoje é, precisamente, que é na fobia onde podemos ver, não inteiramente, algo que seria uma entidade clínica, e sim de algum modo, uma encruzilhada [...] em relação às duas grandes ordens da neurose: histeria e neurose obsessiva (Lacan, 1969: lição do dia 7 de maio).

Bernardino Horne acrescenta que

a fobia é uma plataforma giratória que pode dirigir-se à histeria e à neurose obsessiva, e pode efetuar um enlace com a estrutura da perversão. [...] a fobia, enquanto plataforma giratória, implica um momento de efetuação da estrutura, admitindo que o sujeito, ao confrontar-se inauguralmente com a angústia de castração, soluciona-a provisoriamente, ligando-a ao significante (1998 a: 161).

Se partirmos do princípio de que ela é deficitária, apoiando-nos no viés da carência paterna, somos levados a aproximar a fobia às considerações acerca da psicose, estrutura essencialmente definida pela ausência da inscrição do Nome-do-Pai.

Por outro lado, se a fobia é um momento lógico que antecede a “escolha” de uma estrutura clínica, podemos ser impelidos ao impasse que não a consideraria uma neurose propriamente dita.

No entanto, privilegiamos nos referir à solução fóbica como escolha de uma via que apóia na eleição de um objeto a ser temido, uma saída de reforço à metáfora paterna.

*Pequeno Hans* encontrava-se aprisionado numa sutil armadilha. A princípio sua posição parecia ideal, ser aquilo que faltava à mãe. Porém, este posicionamento lançava *Hans* em um impasse evidenciado por um excesso de angústia. A fim de não ser capturado nesta armadilha, tornava-se urgente a

---

<sup>4</sup> Recolhemos no Seminário 5 “As formações do inconsciente” (1957-58:299) de Lacan, o momento onde se refere à encruzilhada (*Carrefour*), o qual interpretamos como ponto de confrontação, ou plataforma, na qual será decidido um rumo. O termo “plataforma giratória” pode ser encontrado em dois momentos do Seminário 6 “O desejo e sua interpretação”: Lições 18/03/59 e 10/06/59.

instauração, ou como preferimos chamar, a inclusão de um intervalo entre a relação essencialmente dual.

A saída encontrada para se desvencilhar de tal captura, consistiu na eleição de um objeto fóbico que se desdobrava em funções extremamente importantes.

A angústia decorrente da relação com sua mãe encontrava-se agora sob o nome, ou sob o significante “cavalo”. Como vimos, Lacan afirma que os cavalos são portadores da angústia, resultando nesta espécie de nomeação para a angústia.

Vimos que a incidência do pai permite a localização de uma certa falta, e consideramos ainda que a função lógica da falta se aproxima do que Lacan denomina real, ou seja, um campo sem imagens, sem contornos definidos, sem representações, isto que será descrito na metáfora paterna sob o significante “falo” (-φ). Desta forma aproximamos o falo, signo da falta, do real, como aquilo que precisa ser incluído como registro que comporta a ausência de significação.

Na análise da metáfora paterna do caso *Hans*, o real localiza-se abaixo do nome “cavalo”. A metáfora promove o estabelecimento de uma relação entre significante e real, organizando através da escolha significante “cavalo”, a delimitação da angústia. Existe um objeto na cidade que não pode ser encontrado, mas que por outro lado, organiza a vida de *Hans* naquela cidade.

Para designar esta função contida no significante cavalo, Lacan descreve que este vem no lugar daquilo que não pode ser significado para *Hans*, o desejo da mãe, que aponta para além de seu desejo pelos filhos: *Hans* e *Hanna*.

$$\frac{I}{M + \varphi + \alpha}$$

I= cavalo; M= mãe; φ= *Hans*; α= *Hanna*

Sabemos que a fobia soluciona o impasse edípico e a angústia prevalente neste impasse, por meio de algumas particularidades. Recorremos a uma figura de linguagem, a catacrese<sup>5</sup>, figura pela qual uma palavra se emprega com sentido desviado da natural significação, por falta de uma palavra própria. São exemplos de catacrese: “embarcar no trem”, ou “folha de papel”, ou ainda “enterrar uma

<sup>5</sup> Agrademos a Vieira pela sugestão do conceito de “catacrese” para o desenvolvimento deste ponto.

agulha na pele”. A catacrese baseia-se em processo semelhante ao da metáfora (Larousse, 1987). De acordo com Derrida ela é “uma inscrição violenta, abusiva – de um signo ou imposição de um signo a um sentido que não possuía ainda signo na própria língua...” (Derrida, 1991, apud Rego, 2005: 296).

Consideramos a fobia uma solução que reforça o pai. No caso *Hans*, o cavalo aparece quase como uma primeira nomeação como se fosse equivalente ao pai, e não como uma substituição significativa deste desejo.

Neste sentido, tanto a catacrese quanto a metáfora paterna são meios parecidos de nomear aquilo que não é apreensível ou que não tem significação própria, como por exemplo, o desejo da mãe.

Poderíamos ficar tentados a qualificar a fobia por seu objeto - o cavalo, no caso - se não percebêssemos que este cavalo vai muito além daquilo que é o próprio cavalo. Trata-se primordialmente de uma figura heráldica, que é prevalente, que centra todo o campo, e que está prenhe de todas as espécies de implicações: de implicações significantes, em primeiro lugar (Lacan, 1956-56: 311).

Desta citação de Lacan depreendemos que o cavalo concentra em si o valor significativo como uma primeira solução ao desejo.

Ernesto Laclau contribui com o questionamento sobre as soluções paralelas para o real, indagando o que seria um significante vazio, designando-o justamente como um significante ao qual não corresponde nenhum significado. A escolha do significante cavalo que caracteriza o objeto fóbico temido parece delineada com a concepção do significante vazio. O cavalo vem no lugar de quê? Vemos com a angústia, que não é no lugar de outro significante, mas pelo contrário, cavalo vem no lugar do que é real, o que denominamos também de desejo da mãe.

Recorrendo às contribuições de Laclau, a catacrese é um tipo de figura de linguagem que não tem um termo literal de designação (2004 c: 21). Ela é um termo figurativo que não substitui nenhum outro termo, nenhum outro nome ou significante, assim como o cavalo é um termo que não substitui em termos significantes. Sua função no caso *Hans*, como vimos, é a de conter um excesso de angústia.

Portanto, a metáfora paterna e a catacrese são figuras de uma mesma operação: a nomeação como delimitação do real.

Aproximando o que Lacan chamou em 1979 de excedente pulsional, ao excesso de angústia decorrente da relação de *Hans* com sua mãe, escolhemos uma passagem de Lacan, com a intenção de ilustrar tal processo de nomeação:

[...] para utilizar o efeito da insistência desse excesso, [...] nascido na falta de significante [...], volta-se sobre o mesmo e procede à nomeação, a metaforização desse significante, sempre pelo fato de não cessar por não encontrar o ponto desde onde insiste. (1979: lição de 8 de maio de 1979)

### 3. A fobia e o mito como delimitação do real

Lacan atribuiu aos mitos algumas funções de extrema importância. Segundo ele, os mitos têm caráter de narrativa atemporal, de ficção, são inesgotáveis e mais próximos da estrutura que dos conteúdos, ou seja, daquilo que define posições.

Segundo Vieira,

Com a noção de estrutura Lacan pode elaborar uma categoria fundada em uma determinada articulação de seus elementos, relativamente independente de suas essências. Uma categoria aqui não compreende uma mesma classe de objetos afins, mas uma mesma operação, ou melhor, uma série de acontecimentos produzidos a partir das mesmas leis (1999:87-100).

Nos mitos,

cabe a nós, apenas, perceber que se trata da vida e da morte, da existência e da não-existência, do nascimento, em especial, isto é, da aparição daquilo que ainda não existe. Trata-se, pois, de temas ligados, [...], à existência do próprio sujeito [...] (Lacan, 1956: 259).

É em torno destes temas que *Hans* se depara ao constatar a urgência em se re-posicionar e em re-configurar sua cena edípica. No entanto, isto que Lacan chama de existência do próprio sujeito, implica novas soluções, visto que ela chama por um descolamento da relação como falo imaginário. Percebe-se que a questão da existência como sujeito é ressaltada para *Hans* ao se confrontar com a falta da mãe, que instaura uma separação, ou uma indagação, diferentemente do complemento que parecia poder ser para ela. Na relação definida a partir de sua

posição como objeto não havia intervalo algum para que a falta da mãe aparecesse.

Mas como *Hans* poderia incluir esta falta se tanto o pai quanto a mãe insistiam em responder-lhe tudo? Veremos que os mitos terão uma função bastante específica, e a partir deles *Hans* poderá recolocar-se, ou seja, modificar seu posicionamento.

Para Lacan, a estrutura inclui elementos e posições lógicas que independem e se separam da presença encarnada de tais elementos, como a mãe, o pai, a criança e o falo.

Dessa forma, estruturalmente, o pai se desdobra nas funções, a saber: pai imaginário, pai simbólico e pai real. Isto produz a concepção que privilegia as funções lógicas. A construção e a análise de um caso clínico que segue este viés estrutural não se baseiam em fatos que dizem respeito ao desenvolvimento do caso em questão, mas articulam isto que apresentamos como funções lógicas. Os quatro elementos citados acima, a saber, - pai, mãe, criança e falo podem ser articulados de diferentes formas. Assim os registros, imaginário, simbólico e real estão constantemente inseridos nesta interligação característica das funções lógicas. Nos dois mitos que Lacan destaca, veremos que o primeiro é principalmente marcado pelo imaginário, pois os elementos se encontram em termos de igualdade. Há uma espécie de linearidade entre mãe e criança. No segundo, Lacan dirá que está evidente uma modificação na relação privilegiada em termos simbólicos. Contudo, isto não significa que haja uma etapa que antecede ou sucede a outra. *Hans* não passa de uma relação imaginária para uma relação simbólica. Logicamente, um determinado posicionamento ressalta uma relação ou outra, focalizando certos aspectos que se alternam entre os registros, imaginário, simbólico e real.

Ressaltamos desde o início que, de acordo com Freud, aparece um excesso de angústia na fobia. No Seminário 4 Lacan o privilegia, nomeando-o de imaginário, do qual deriva a angústia. Ela está intimamente vinculada a tal relação, visto que é calcada em termos lineares, dificultando a inclusão do que chamamos da diferença entre os sexos ou, então, de real. Há algo desta diferença que é impossível de ser respondida e que necessita de um lugar estrutural. Porém, a relação imaginária se estabelece, obturando praticamente qualquer possibilidade da entrada em cena e da participação da diferença no jogo edípico.

O mito se aproxima da estrutura e esvazia os componentes que constituem a relação edípica, resumindo-os a funções e localizações dentro da própria estrutura como uma gramática.

São essas as condições estruturais que determinam – como gramática – a ordem das invasões constitutivas do significante, até a unidade imediatamente superior na frase, e – como léxico – a ordem dos englobamentos constitutivos do significante [...] (Lacan, 1954:505).

Sendo assim, a intervenção paterna não depende exclusivamente da figura do pai na família, e a mãe não precisa ser a mãe biológica. Recontamos parte da história de *Hans* com sua problemática, e culminamos no que nos importa afinal, a saber, as posições lógicas representadas por tais personagens.

A estrutura esvazia a importância do conteúdo que fixa e aprisiona um nome/idéia a um significante, permitindo a leitura de nomes como significantes atrelados às suas diferentes funções.

O primeiro mito que escolhemos relata uma fantasia de *Hans* calcada na prevalência da relação imaginária. Segundo o próprio menino:

De noite havia uma girafa grande no quarto, e uma outra, toda amarrotada; e a grande gritou porque levei a amarrotada para longe dela. Aí, ela parou de gritar; então me sentei em cima da amarrotada (Freud, 1909:40).

Lacan (1956) discorda da interpretação do pai de *Hans* a respeito deste relato, que atribuía à girafa grande um substituto de sua própria figura. Ela estaria representando-o devido ao pescoço longo, associado ao pênis. A girafa pequena, amarrotada seria a mãe, ou melhor, o representante do órgão genital da mãe. Evidencia-se nestes termos de correlação algo que o pai de *Hans* tenta apreender. Ele dá nomes aos elementos míticos de *Hans*, aprisionando-os a representações definidas, neste caso, os órgãos genitais.

No entanto, Lacan dirá que neste mito prevalece a relação em termos de igualdade, ou em termos metonímicos, relação na qual *Hans* e a mãe encontram-se em pé de igualdade. Constatamos que as girafas ocupam posições lógicas que obedecem a certas regras.

Uma girafa grande e uma pequena, elas são iguais, uma é o dobro da outra. Existe o lado do *grande* e *pequeno*, mas também existe o lado *sempre girafa*. (...) A criança, na sua totalidade, é o falo. Logo, no momento em que se trata de restituir

à mãe o seu falo, a criança faliciza a mãe por inteiro, sob a forma de forma de um duplo. Ela fabrica uma metonímia da mãe (Lacan, 1956:269-270).

Parece não haver nada além de elementos iguais que podem ser comparados entre si, a grande e a pequena girafa, agrupados linearmente.

Mas onde poderíamos localizar, por exemplo, algo do real se a relação é predominantemente imaginária? O mito e sua estrutura lógica podem re-agrupar ou re-arrumar as funções de cada um dos elementos, fazendo-os circular. No contexto estrutural, o real e o simbólico não se excluem, mesmo que o olhar seja lançado em direção à predominância imaginária das relações. Portanto, neste exemplo, a girafa amarrotada, sem forma, estranha, aponta para algo da ordem do real. Por isso nos autorizamos a chamá-lo de mito.

Apesar de Lacan se referir a este relato de *Hans* como fantasia, autorizamos-nos a designá-lo de mito, de acordo com o desenvolvimento apresentado acerca das posições estruturais.

Concluimos com este mito no qual prevalece a relação imaginária, sem que, contudo, os outros registros sejam excluídos. Os elementos circulam e ocupam diversas funções.

Lacan acrescenta ainda que os mitos contarão uma história a partir da assunção do falo como falo simbólico. A seguinte passagem faz *Hans* sair da posição essencialmente definida como falo imaginário, objeto complementar e assumir uma nova posição. O falo poderá ser também tomado no jogo simbólico; ele circula, e serve como um elemento de mediação. Vemos ocorrer uma mudança de tal forma importante que Miller determina este mito como representante da cura da fobia de *Hans*.

No transcurso da lógica da cura do *pequeno Hans*, Lacan diz - em uma única frase - que a transformação essencial que se consegue nesta cura é a elaboração fantasmática que faz o *pequeno Hans*, ao aceitar transformar a mordida da mãe no trabalho de desatarrachar a banheira (Miller, 1995:66).

Em Freud encontramos o segundo mito que confere a cura de *Hans*:

“Escuta”, disse ele [*Hans*], “eu pensei uma coisa hoje”. Primeiramente ele tinha esquecido o que era, mais tarde, porém, ele contou o que se segue, mas com sinais de considerável resistência: “o bombeiro veio; e primeiro ele retirou o meu traseiro com um par de pinças, e depois me deu outro, e depois fez o mesmo com

o meu pipi. Ele disse: 'deixe-me ver o seu traseiro!' Tive que dar a volta, e ele levou; depois disse: 'deixe-me ver o seu pipi!'" (Freud, 1909:92)

O falo imaginário, diz Lacan, está sob uma forma de garantia na relação linear (Lacan, 1956: 271), ou então, utilizando as palavras de Freud, ele está "enraizado". É sob esta circunstância que a fobia aparece, sob o fundo de angústia, devido à cola de *Hans* à posição de falo imaginário. Não há nenhuma outra posição para ele, senão aquela que diz respeito ao falo enraizado, estanque em sua relação.

Jacques-Allain Miller sustenta que antes deste mito apresentado acima, *Hans* contara uma outra história que se passa na banheira, na qual é possível definir a passagem entre sua posição como falo imaginário para a simbolização de um novo lugar diante dela. Diz que "primeiramente, [a mãe] aparece para ele como uma potência opaca, ameaçante, sem lei" (Miller, 1995:67) e por fim *Hans* consegue tomar a mãe "não mais como uma nuvem opaca, mas sim, como uma metódica desmontagem de um aparelho" (Miller, 1995:67). Vale notar que a banheira tem uma função interessante, pois seu traseiro conseguia encaixar-se exatamente no buraco da banheira.

No segundo mito, o falo imaginário é retirado, deixando um vazio à mostra e, em seguida é recolocado. Neste processo, aparece uma brecha (um furo) que pode ser incluída no jogo. Se a fobia é marcada essencialmente pela angústia, é justamente porque não há brecha, intervalo. Tudo está lá, determinado. A diferença entre os sexos, não pode ser simbolizada se não houver a inclusão de tal intervalo.

Para concluirmos o presente capítulo, deixaremos indicado que os três processos de nomeação para o real (metáfora paterna e catacrese), o traçado dos circuitos como uma rede que inclui proibições, e agora os mitos que tecem histórias em torno de um furo, são todos meios que delimitam o real no sentido de localizar a falta.